

MOOCA MEMÓRIA E IDENTIDADE

Márcia de Oliveira Lupia

RESUMO

O processo de imigração ocorrido no século XIX na cidade de São Paulo trouxe à capital grupos de diversas nacionalidades que ajudaram a desenvolver os bairros. Uma grande quantidade de italianos acabou se instalando no bairro da Mooca, onde colaboraram não somente com seu trabalho braçal, mas com a formação cultural do bairro. As lembranças desses ancestrais são trazidas ao presente por meio de narrativas e transmitidas de geração para geração. Essa memória das origens fortalece a identidade do bairro e a identificação dos seus residentes com a cultura italiana. Utilizando o arcabouço teórico sobre memória e identidade de pesquisadores como Maurice Halbwachs (1990), Joël Candau (2014), Stuart Hall (2014), Michael Pollak (1992) e Ecléa Bosi (2003), este estudo pretende demonstrar que a bem-sucedida transmissão da memória do bairro deve-se ao ciclo memória-narrativas-transmissão-identidade. A pesquisa perpassa a importância dos lugares como canvas memoriais, evoca os tipos de memória enfatizando-se a memória olfativa, por estar muito presente no bairro e arremata expondo o funcionamento do ciclo acima mencionado. As reflexões advindas deste estudo podem gerar futuras pesquisas sobre a memória coletiva e a identidade de bairros descendentes de grupos imigratórios em São Paulo, abrindo outras perspectivas sobre a cultura e sociedade paulistanas.

PALAVRAS-CHAVE: Mooca. Memória. Identidade. Transmissão. Narrativas.

ABSTRACT

The immigration process that occurred in the nineteenth century in the city of São Paulo brought to the city groups of different nationalities who helped develop the neighborhoods. A lot of Italians ended up settling in the neighborhood of Mooca, which collaborated not only with his legwork, but with the cultural background of the neighborhood. The memories of these ancestors are brought to this through narratives and transmitted from generation to generation. This memory of the origins strengthens the identity of the neighborhood and the identification of its residents with Italian culture. Using the theoretical framework of memory and identity of researchers like Maurice Halbwachs (1990), Joël Candau (2014), Stuart Hall (2014), Michael Pollak (1992) and Ecléa Bosi (2003), this study aims to demonstrate that the successful memory transmission in the neighborhood due to the cycle memory- narratives - transmission-identity. The research permeates the importance of places like memorial canvas and evokes the memory types with emphasis on the olfactory memory, since it is very present in the neighborhood and concludes exposing the operation of the above cycle. The resulting reflections of this study can generate future research on collective memory and

identity of the neighborhoods of immigration groups in São Paulo, opening other perspectives on culture and society of this city.

KEYWORDS: Mooca. Memory. Identity. Transmission. Narratives.

OS PRIMEIROS PASSOS...

Em meio às mudanças trazidas com o tempo, parece-nos que as lembranças do passado estão cada vez mais distantes de nós. Entretanto, existem alguns grupos de pessoas que mantêm viva a chama da transmissão da memória, absorvendo de suas raízes as lembranças que os auxiliam a (re)construir suas identidades.

O grupo de residentes do bairro paulistano da Mooca possui essa característica e acaba fortalecendo a identificação com seus ancestrais imigrantes italianos. Essa identificação pode ser vista em muitos dos imóveis e vilas que preservam as características de outrora; nos jogos do clube do Juventus, onde gerações de famílias se encontram para torcer pelo time grená da Rua Javari; no falar dos mooquenses que deixam vazar em seus discursos um português cantado e com palavras italianas que só ficam completas com o gesticular que as acompanham.

Utilizando as teorias de memória e identidade de pesquisadores como Maurice Halbwachs (1990), Joël Candau (2014), Stuart Hall (2014), Michael Pollak (1992) e Ecléa Bosi (2003), pretendemos mostrar a importância da preservação dos espaços que são canvas memoriais dos sujeitos e da transmissão da memória através de narrativas, as quais ganham força graças ao laço social.

A engrenagem memória-narrativas-transmissão-identidade é que faz da Mooca um bairro onde se respira nos dias de hoje uma identificação ainda muito forte com as origens, por conta de um passado que está presente e é zelado e velado para alcançar o futuro.

UM POUCO SOBRE A MOOCA

A Mooca situa-se na zona leste de São Paulo. Fundada em 17 de agosto de

1556, leva em seu nome a herança indígena de seus primeiros habitantes. Mooca é originária da palavra tupi-guarani *mũoka* e significa “casa de parente” – junção dos termos *mũ* (parente) e *oka* (casa) (NAVARRO, 2005). Seus 7,7km² de extensão e aproximadamente 63 mil habitantes possuem grande influência dos imigrantes vindos da Itália.

Com a imigração do século XIX, São Paulo tornou-se reduto de imigrantes europeus que vieram para o Brasil “fazer a América” em busca do trabalho advindo das plantações de café e da indústria.

Na Hospedaria de Imigrantes, grande parte dos recém-chegados obteve moradia e cuidados médicos, situava-se na Mooca. Ainda hoje, o prédio é mantido no mesmo local, abrigando as histórias das mais de 2,5 milhões de pessoas que por lá passaram, como Museu da Imigração. Grande parte dos imigrantes italianos fixou-se no distrito.

A topografia plana da região, o rio Tamanduateí cortando o bairro, a implantação da ferrovia Santos-Jundiaí em 1867 e a concentração próxima de mão de obra imigrante na Hospedaria, acabaram por alavancar o crescimento industrial na Mooca, tornando-a de extrema importância no cenário paulistano.

Grandes indústrias ocuparam os solos mooquenses: Companhia Antarctica Paulista, Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo, Moinho Minetti-Gamba, São Paulo Alpargatas, Companhia União de Refinadores, Café Moka, Tecelagem do Cotonifício Rodolfo Crespi, entre outras. A última, além de sua importância econômica, sendo na época a maior tecelagem da América Latina, historicamente, foi palco da primeira greve de trabalhadores no Brasil em 1917. Hoje, o edifício abriga em suas dependências um hipermercado, mas mantém sua fachada restaurada de maneira semelhante à época de seu auge.

Não só de trabalho viviam os imigrantes: o Jockey Clube de SP teve o início de suas atividades na Mooca. Construíram cinemas e teatro. O *Footing*, passeios feitos pelos jovens solteiros em busca de um flerte entre as Ruas Olímpio Portugal, Visconde de Laguna e a Avenida Paes de Barros, era muito popular. O bairro teve ainda a construção do estádio de futebol da Rua Javari, pela família de Rodolfo

Crespi¹, na época, para diversão de seus operários, onde até hoje são realizados jogos de futebol do Clube Atlético Juventus. O time é tão popular quanto os *canoll*² vendidos no estádio.

A gastronomia desenvolveu-se regada às receitas italianas. Festas como a de San Gennaro e estabelecimentos como a Doceria Di Cunto³ provém da época da imigração e são sucesso até hoje.

A Língua Portuguesa também sofreu muita influência dos italianos e, conseqüentemente, a Mooca adquiriu um sotaque e vocábulos que distingue seus moradores do resto dos paulistanos: o “mooquês”. Em 2009, um vereador da cidade apresentou ao Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da cidade de São Paulo (Conpresp) o projeto para tombamento do “mooquês” como patrimônio cultural.

A Mooca é, atualmente, um bairro predominantemente residencial que abriga uma das maiores colônias de descendentes de italianos em São Paulo. Muitos prédios foram construídos substituindo as casas das velhas vilas de operários e as fábricas. Sua culinária italiana é recomendada e apreciada por diversas pessoas. Seus moradores são conhecidos pelo fanatismo ao bairro, pelo seu sotaque e pelas intermináveis conversas familiares que passaram de geração a geração nos almoços aos domingos.

ESPAÇO: CANVAS DA MEMÓRIA

A cidade de São Paulo cresceu em meio a uma avalanche de acontecimentos que passou a modificá-la, desde o ciclo do café e os imigrantes vindos da Europa para tentar uma vida melhor nas lavouras, à Revolução Industrial e desenvolvimento do comércio. Abruptamente, a onda da modernidade tentou levar consigo as velhas paisagens das praças, das estreitas ruas de paralelepípedos, dos

¹ Importante imigrante italiano fixado na Mooca. Fundou o Cotonifício Rodolfo Crespi, onde funcionou o primeiro estabelecimento brasileiro de fiação industrial de algodão em grande escala.

² Doce tipicamente italiano, da região da Sicília. Consiste em uma massa frita, em formato de cano, recheada com creme à base de ricota ou baunilha.

³ Famosa doceria do bairro da Mooca, fundada em 1935 pelos irmãos Vicente, Lorenzo, Roberto e Alfredo Di Cunto.

bondes e das casas nas vilas, para trazer à tona os *shoppings centers*, as gigantescas avenidas, os carros e os enormes edifícios.

As famílias foram crescendo desde então, fazendo a migração entre bairros, amontoando-se aos andares de edifícios residenciais, desagregando-se de sua antiga vizinhança e escravizando-se à rotina casa-trabalho-casa.

Esse é o cenário da grande maioria dos bairros da cidade. Porém, alguns deles tentaram se agarrar aos resquícios do passado, a fim de manter as origens da época da imigração. A manutenção e o tombamento de alguns lugares são prova disso. Esse esforço de seus habitantes é muito significativo para a sua preservação identitária. “Existem ‘regiões-memória’ (Vendeia, Alsacia, Cevenol) ou cidades-memória (Jerusalém, Roma etc.), e mesmo bairros onde se afirmam com força as identidades regionais ou locais” (CANDAU, 2014, p. 157). Nós, seres humanos, precisamos de um *canvas* para pintar os traços das lembranças que formarão nossa memória, lugar onde a pincelaremos e a repincelaremos. Maurice Halbwachs (1990) afirma que não há memória coletiva que não se desenvolva num quadro espacial e que o espaço é uma realidade que dura. Joël Candau cita a premissa do espaço como fundamental para o exercício da memória:

Memória e a identidade se concentram em lugares, e em *lugares privilegiados*, quase sempre com um nome, e que se constituem como referências perenes percebidas como um desafio ao tempo. A razão fundamental de ser um lugar de memória observa Pierre Nora, *é a de deter o tempo, bloquear o trabalho de esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte*. A função identitária desses lugares fica explícita na definição que é dada a eles pelo historiador: *toda unidade significativa, de ordem material ou ideal, da qual a vontade dos homens ou o trabalho do tempo fez um elemento simbólico do patrimônio memorial de uma comunidade qualquer. Um lugar de memória é um lugar onde a memória trabalha*, o que mostrou Halbwachs desde 1941 em relação aos lugares santos. De acordo com a sugestão de Willem Frijhoff, um lugar de memória pode ser chamado em holandês *geheugeboei*, ou seja, *baliza da memória*, que é ao mesmo tempo *baliza identitária* (CANDAU, 2014, p. 156-157, grifo do autor).

Entre espaços físicos e virtuais, os moradores da Mooca elegeram lugares onde depositar as lembranças que fortalecem a memória do bairro e a identidade do seu grupo. Esses lugares fazem a mediação entre passado e presente:

Um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade. Mas ainda, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e ideias, que o indivíduo não inventou e que emprestou de seu meio (HALBAWACHS, 1990, p. 54).

Em maio de 2004, na Biblioteca Pública Affonso Taunay (Mooca), foram realizados encontros da oficina de memória para elaboração do espaço de relatos “Mooca, memória viva” do site “Portal do Envelhecimento”. O projeto envolveu dois profissionais da Subprefeitura da Mooca: Carmem Silvia de Cápua, pela Coordenadoria de Assistência Social e Desenvolvimento, e Edriana Regina Consorti, pela Unidade de Referência de Saúde ao idoso (URSI) da Mooca. Colheram-se relatos de idosos sobre suas memórias do bairro. Os lugares aparecem em sua grande parte como referenciais de lembranças. Foram extraídos desse sítio eletrônico, trechos dos relatos de Sr. Amaro e Sra. Arlete sobre o salão de bailes “Cupido”:

Lembro também dos ‘bailinhos’ realizados nas casas de famílias do bairro, onde tinha jovens como na Rua João Caetano, Hipódromo, Pereira da Silva... e num clube, na casa de uma família, na Rua Orville Derby, chamado ‘Cupido’. Nos reuníamos nos fins de semana, para um baile muito gostoso, onde ‘rolava’ muita paquera ao som de boleros de Gregório Barros, Cauby Peixoto e tantos outros... (Sr. Amaro) (apud BRANDÃO, [2004], não paginado).

Existia um clube chamado Cupido, perto do Largo São Rafael, e às vezes íamos ao baile nos divertir... o que mais tocavam eram as músicas românticas como Blue Moon, Only You... os boleros, samba canção. Eram ritmos que eu mais gostava, pois se dançava juntinho com o rosto colado, e a gente se deixava levar pela música... (Sra. Arlete) (apud BRANDÃO, [2004], não paginado).

Nos depoimentos acima, a marcação dos locais onde ocorreram os fatos corrobora a importância dos lugares para a evocação da lembrança. Esse salão de bailes não aparece somente nas narrativas memoriais por conta do espaço de convívio: ele é que permite trazer à tona as lembranças, as marcas da memória dos jovens daquela época. Os lugares são os cenários das lembranças de uma cidade, de um bairro.

O caso do tombamento de uma das chaminés da Refinaria União em meio aos prédios do novo condomínio construído no local onde a fábrica funcionava serve-nos como outro exemplo. O *boom* imobiliário que aconteceu em São Paulo no início nos anos 2000 atingiu o bairro da Mooca que viu a construção de diversos prédios em locais que antes abrigaram indústrias de grande porte como a Refinaria União, na Rua Borges de Figueiredo (FORTUNATO, 2016). A indústria em questão, fundada pelos irmãos Nicola e Giuseppe Carbone em 1910, manteve-se em funcionamento no bairro até 2006, quando o prédio foi desativado. Em 2012, uma construtora resolveu erguer um conjunto de prédios no local; porém, um grupo de moradores decidiu “lutar” para manter o patrimônio histórico. Desse debate, o Conpresp resolveu tomar uma das chaminés da refinaria, como marca de sua importância no cenário industrial do país (GOMES, 2016). Para esses grupos de preservação:

O bairro é uma totalidade estruturada, comum a todos, que se vai percebendo pouco a pouco, e que nos traz um sentido de identidade. É um lugar nosso, e um lugar nosso deve ter, como ensina a Psicologia da Gestalt, fechamento e proximidade de elementos, deve ser mais denso que seu entorno e permitir a dialética da partida e do retorno [...]. Há nos habitantes do bairro o sentimento de pertencer a uma tradição, a uma maneira de ser que anima a vida das ruas e das praças, dos mercados e das esquinas. A paisagem do bairro tem uma história conquistada numa longa adaptação (BOSI, 2013, p. 75-76).

O sentimento de pertencimento dos habitantes do bairro da Mooca tem raízes italianas: costumes, festas, dialetos, culinária e aromas inesquecíveis.

A MEMÓRIA DOS AROMAS

As memórias individuais, coletivas e históricas se interpenetram e se contaminam de maneira a desenhar a representação da identidade do grupo. Um elemento muito importante nesse processo é a linguagem. Mas não só de relatos escritos e orais formam-se as memórias. Tão pouco são restritas às imagens. Ecléa Bosi (2003) sustenta que os sons de uma rua durante 24 horas, no decorrer do tempo, podem ser formadores de memória do grupo que está inserido nesse espaço. Eles são responsáveis por gerar uma sequência identitária confortante aos seus moradores.

Claramente, existem as memórias orais, as visuais, as auditivas e, por que não, as olfativas e as do paladar. Os costumes italianos e as indústrias fizeram da Mooca um lugar rico nesses sentidos. Recorrentemente, nas leituras de relatos extraídos do Portal do Envelhecimento, seção “Mooca, memória viva” e do Portal da Mooca, seção “Eu me lembro...” sobre as lembranças do bairro, o cheiro do café produzido no distrito foi personagem principal. Houve identificação imediata por minha parte, já que vivenciei tal experiência: lembro-me do aroma do café na Rua Borges de Figueiredo, quando ia com meu avô à Doceria Di Cunto. Essa lembrança é tão viva na minha memória que todas as vezes que passo por essa rua, tenho a sensação de sentir o cheiro do café vindo da extinta fábrica. Seguem mais relatos sobre a memória olfativa:

Lembro-me ainda do café Seletto, situado, na Rua Padre Adelino, exalando o cheiro de café moído a quase toda hora do dia. Sua chaminé anunciava a moagem, soltando uma fumacinha cheirosa... formava-se um corredor perfumado em toda a área... A Rua Taquari tinha cheiro de anilina e outras químicas... hoje ao passar no trecho, sentimos o odor de tudo isto... é o cheiro da Mooca... recordação da Vila que foi, e será sua memória... Em 1956 conheci o cheiro da Mooca nos aromas das comidas, principalmente o cheirinho dos panelaços de macarronada do bairro! (Sr. Amaro) (apud BRANDÃO, [2004], não paginado).

Falar sobre o cheiro da Mooca, é falar do cheiro de fumaça, quando os trens passavam pelas ruas dos Trilhos. Um cheiro mais gostoso e agradável... o do pó de café... (Sra. Angelina) (apud BRANDÃO, [2004], não paginado).

Ao cheiro do café Sucesso... misturava-se o cheiro gostoso do açúcar União. Das altas chaminés da Souza Cruz, na Rua do Oratório, saía o cheiro de fumo usado na fabricação de cigarros. Ainda hoje, conforme a direção do vento, sente-se o cheiro de doces feitos com coco, das fábricas nas travessas da Rua do Hipódromo e da Rua Bresser (Sra. Shirley) (apud BRANDÃO, [2004], não paginado).

Ainda lembro-me dos sons, dos odores e sabores da Mooca. Os sons dos 'apitos' das fábricas, os sons dos vendedores de rua 'olha o piruliteiroooo!!!', o cheiro do refino do açúcar 'UNIÃO', o cheiro da fábrica de bolacha 'RAUCCI', os sabores dos pães e dos pães doces trazidos de porta em porta pelos padeiros em suas carroças... Que saudades!!! (Sr. Valdir Terezzino) (apud BRANDÃO, [2004], não paginado).

A memória olfativa é articulada com outras lembranças, agregando-se às memórias que são responsáveis pela referência identitária dos habitantes do bairro. A transmissão por meio de narrativas dos mais antigos e a sua preservação são de extrema importância nesse processo.

MEMÓRIA-NARRATIVAS-TRANSMISSÃO-IDENTIDADE

A linguagem tem papel fundamental nas interações humanas. Os relatos das pessoas não possuem somente a função de trazer o passado para o presente: são instrumentos pelos quais a memória é trazida à tona e a identidade é construída. Rememorar é se narrar, é fazer uma autoanálise. Segundo Coracini:

Por meio da escrita, o sujeito se coloca em cena, se narra, impregnado pela subjetividade constituinte das relações sociais que nos inserem, desde que nascemos – ou já no ventre materno – no mundo pré-organizado (carregado de memória), impulsionado pelos desejos, culturalmente adquiridos e culturalmente recalçados (2005, p. 23 apud GALLI, 2010, p. 61).

A construção discursiva atribui os sentidos das lembranças rememoradas. As conversas entre os mais velhos de uma família ou um grupo de vizinhos muito contribuem para esse processo de (re)construção da identidade. Ademais, quando as narrativas permanecem expostas em veículo de informação podem ser

acessadas a qualquer tempo, por qualquer um, podem garantir a continuidade na transmissão.

O sentimento de pertencimento do morador da Mooca é que faz suas memórias continuarem vivas; mas não bastava apenas ter as memórias ou lembranças e guardá-las para si. Maurice Halbwachs (1990) diz que quanto mais compartilhada a memória, mais ela permanece. Daí a importância do papel da transmissão:

Sem essa mobilização da memória que é a transmissão, já não há nem socialização, nem educação, e, ao mesmo tempo, se admitimos, como diz E. Leach, que a cultura é *uma tradição transmissível de comportamentos apreendidos*, toda identidade cultural se torna impossível (CANDAU, 2014, p. 105, grifo do autor).

A transmissão é vital para a memória, mesmo não sendo feita de maneira “pura”:

No entanto, essa transmissão jamais será pura ou uma *autêntica* transfusão memorial, ela *não é assimilada como um legado de significados nem como a conservação de uma herança*, pois, para ser útil às estratégias identitárias, ela deve atuar no complexo jogo da reprodução e da invenção, da restituição e da reconstrução, da fidelidade e da traição, da lembrança e do esquecimento. A transmissão está, por consequência, no centro de qualquer abordagem antropológica da memória. Sem ela, a que poderia então servir a memória? (CANDAU, 2014, p. 106, grifo do autor).

Ainda sobre a questão da transmissão, Candau questiona: “se memorizar serve para transmitir, é o conteúdo transmitido ou o laço social que gera a transmissão?” (2014, p. 106). Na Mooca, o laço social. O vínculo entre os familiares, vizinhos, donos dos pequenos comércios, professores, entre outros, é vívido. Os mooquenses se veem como uma grande família. “Quando um grupo está inserido numa parte do espaço, ele transforma à sua imagem, ao mesmo tempo em que se sujeita e se adapta às coisas materiais que a ele resistem. Ele se fecha no quadro que constituiu” (HALBWACHS, 1990, p. 133). Da mesma maneira que os lugares, os costumes, a língua, etc. receberam as influências de seus moradores por gerações, esses, por sua vez, foram sendo contaminados pelo bairro, por suas

memórias. Um hábito desse contágio por parcela significativa de seu grupo são as exaltações bairristas escritas em camisetas vestidas pelos moradores com frases como: “Sou da Mooca, Bello”, “Mooca é Mooca”, “Eu amo a Mooca”, entre outras tantas que podem ser adquiridas em estabelecimentos no bairro e até por meio de *web pages* como a “Camiseteria di Mooca⁴”.

Outra marca da identidade do bairro está ligada ao uso da língua. Na Mooca, por influência dos imigrantes italianos que vieram para trabalhar como operários nas indústrias da região, a pronúncia de muitas palavras e alguns vocábulos acabaram dando origem ao que é chamado de “mooquês”. A Língua Portuguesa foi afetada e esse dialeto cantado e “italianado” surgiu no bairro e perdura. Comumente, os moradores do bairro não utilizam o “s” de plural no final das palavras, já que os italianos não o fazem em sua língua e, os primeiros italianos da Mooca também não o faziam, falando “as *pizza*, os *trem*”, entre outros. Palavras como *nonna* são mais frequentes em referência à avó, assim como “empinar *capuchetta*” no lugar de “empinar pipa”. O sentimento de pertencimento a esse dialeto é tão grande que, em 2009, o vereador Juscelino Gadelha enviou ao Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico e Ambiental da Cidade de São Paulo (Conpresp), um pedido de tombamento do sotaque da Mooca (FAVORETTO, 2011).

Pensando em Stuart Hall e suas colocações sobre identidades nacionais e adaptando o conceito a grupos como de cidades ou bairros, podemos ter uma explicação desse laço do mooquense ao seu bairro. “Nós só sabemos o que significa ser ‘inglês’ devido ao modo como a ‘inglesidade’ veio a ser representada” (HALL, 2014, p. 49). Só se sabe como é a Mooca, pela forma como ela é vista em relação aos outros bairros. Hall continua desenvolvendo as ideias e afirma que “a identidade nacional é uma comunidade imaginada”. E os mooquenses afirmam que “a Mooca não é um bairro, é uma nação”. O ponto essencial desse empréstimo de ideias de Stuart Hall encontra-se em narrativas nacionais. A transmissão apodera-se das narrativas com o intuito de fornecerem “uma série de estórias, imagens, panoramas, cenários, eventos históricos, símbolos e rituais nacionais que

⁴ Note-se que o nome da empresa possui traços italianos em sua escrita, maneira de registrar as origens italianas.

representam as experiências partilhadas, as perdas, os triunfos e os desastres que dão sentido à nação” (HALL, 2014, p. 52).

A fim de arrematar os fios da trama memória-narrativas-transmissão-identidade no bairro da Mooca, recorreremos a Michael Pollak (1992). Ele ressalta que “a construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros” (1992, p. 204). Ainda reforça a ligação indissolúvel entre memória e identidade:

A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLAK, 1992, p. 203).

A matéria intitulada “O mais bairrista dos bairros”, publicada na Folha *Online* em 30/03/2007⁵, foi escolhida com o objetivo de ilustrar a exposição acima a respeito do sentimento de pertencimento do grupo de moradores do bairro e do fenômeno de que a identidade é construída sempre com referência aos outros. O subtítulo da matéria aponta a Mooca como sendo uma “grande família” e um dos melhores lugares para se viver em São Paulo, segundo pesquisa do Datafolha. Os entrevistados falavam sobre como é viver em um dos melhores bairros em São Paulo. Algumas das frases desses relatos descrevem o sentimento de identidade construído pelos moradores do bairro: “Quem nasce ou vive aqui só se sente bem aqui”; “O mooquense quando muda, no máximo, troca de quarteirão”; “Somos bairristas, sim. E com muito orgulho. Conservadores? Também. Acima de tudo, a Mooca é um bairro onde todos se conhecem, como uma irmandade”; “Não conseguiria morar em outro lugar de São Paulo. Minha origem, história e todas as referências estão espalhadas e perpetuadas nessa terra”.

Na mesma matéria, o Professor de geografia da USP e especialista no bairro, André Roberto Martin afirma: “A Mooca tem um histórico de luta social dentro de

⁵ Folha *Online*. O mais bairrista dos bairros. Artigo de Roberto Oliveira. A matéria em questão foi selecionada por conter não somente relatos dos habitantes do bairro, mas dados de pesquisas do Datafolha e colaboração de pesquisador especialista sobre o distrito.

São Paulo. Por isso, seus moradores são tão orgulhosos de viver numa espécie de mundo à parte, com identidade e códigos próprios".

A preservação de *canvas* memoriais no bairro funciona como suporte às lembranças e criam a ilusão de raízes identitárias, confortando o sujeito. As narrativas que evocam as origens, as conquistas e as memórias do bairro e o laço social de seu grupo são responsáveis pela transmissão. O ciclo memória-narrativa-transmissão-identidade é a engrenagem que torna a Mooca essa locomotiva que traz o passado ao presente e vai seguindo em direção ao futuro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há uma esperança comum em um grupo de pessoas que humaniza seu bairro, não permitindo que as mudanças trazidas com o tempo cortem todas as suas raízes com o passado: elas “procuram através da cultura exorcizar o fim do mundo, que é o desastre de todo o projeto, a dispersão, a agonia da cidade, a ruptura da vida cotidiana que nos é tão cara” (BOSI, 2003, p. 208).

Trazer as memórias do passado dos ancestrais italianos que fizeram história e estória na Mooca é muito mais que apenas mostrá-las às novas gerações. Os mooquenses transmitem-nas em narrativas memoriais, em ações como a do tombamento da chaminé da Refinaria União ou do complexo da antiga cervejaria da Antarctica Paulista⁶ e em símbolos que fazem da Mooca a Mooca: um dos poucos bairros onde os residentes têm a preocupação com a manutenção das lembranças de origem.

Esta pesquisa deixa reflexões sobre a importância do estudo da memória coletiva e da identidade de bairros que descendem de grupos imigratórios em São Paulo, onde o processo de imigração deixou profundas marcas na cultura local. O estudo dos processos de transmissão da memória bairro a bairro pode vir a nos levar a respostas de algumas perguntas sobre costumes, cultura, memória e identidade da cidade.

⁶ Tombamento feito pelo Conpresp ocorreu em 17 de setembro de 2016. Processo 2007-0.162.626-3.

REFERÊNCIAS

- BOSI, E. **O tempo vivo da memória**: ensaios de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê, 2003.
- BRANDÃO, Vera. **Mooca - memória viva**. In: PORTAL DO ENVELHECIMENTO: sua rede de comunicação e solidariedade. São Paulo, [2004]. Disponível em: <<http://www.portaldoenvelhecimento.com/vozdoleitor/item/1678-mooca-mem%C3%B3ria-viva>>. Acesso em 18 abr. 2015.
- CAMISETERIA di Mooca. São Paulo, c2017. Disponível em: <<http://www.camiseteriadimooca.com.br/>>. Acesso em: 10 out. 2016.
- CANAU, J. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2014.
- FAVORETTO, B. Na Mooca, o dialeto é o Mooquês. **VejaSãoPaulo**, São Paulo, 4 jun. 2011. Disponível em: <<http://vejasp.abril.com.br/materia/mooca-dialeto-moques>>. Acesso em: 02 out. 2016.
- FORTUNATO, Ivan. Mooca, ou como a verticalização devora a paisagem e a memória de um bairro. **Arquitextos**, São Paulo, ano 12, n. 140.05, jan. 2012 <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/12.140/4189>>. Acesso em: 02 out. 2016.
- GALLI, F. Escrita: (Re)construção de vozes, sentidos, 'eus'... In: ECKERT-HOFF, B. M.; CORACINI, M.J. (Orgs.). **Escrit(ur)a de si e alteridade no espaço papel-tela**: alfabetização, formação de professores, línguas materna e estrangeira. São Paulo: Mercado das Letras, 2010, p. 51-65.
- GOMES, G. São Paulo antiga, a chaminé da Refinaria do Açúcar União!. **Não siga um roteiro, siga seus sonhos**, São Paulo, 03 jun. 2015. Disponível em: <<https://xglgomes.wordpress.com/2015/06/03/sao-paulo-antiga-a-chamine-da-refinaria-do-acucar-uniao/>>. Acesso em: 21 set. 2016.
- HALBWACHS, M. **Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- HALL, S. **A identidade cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2014.
- MUSEU DA IMIGRAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Histórico**. São Paulo, [201-?]. Disponível em: <<http://museudaimigracao.org.br/o-museu/historico/>>. Acesso em: 18 abr. 2015.
- JOCKEY CLUB DE SÃO PAULO. **Jockey Club de São Paulo**: uma rica história. São Paulo, [20--?]. Disponível em: <<http://www.jockeysp.com.br/historia.asp>>. Acesso em: 19 abr. 2015.
- MOOCA In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2015. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Mooca&oldid=43723979>>. Acesso em: 18 abr. 2015.
- NAVARRO, E. A. **Método Moderno de Tupi Antigo**: a língua do Brasil dos primeiros séculos. 3. ed. São Paulo: Global, 2005.
- OLIVEIRA, Roberto de. O mais bairrista dos bairros. **FolhaOnline**, São Paulo, 30 mar. 2007. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2007/morar2/rf3003200705.shtml>>. Acesso em: 20 abr. 2015.
- POLLAK, M. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PORTAL da Mooca. **Eu me lembro...** São Paulo, c2016. Disponível em: <<http://www.portaldamooca.com.br>>. Acesso em 18 abr. 2015.

PORTAL da Mooca. **História do bairro**. São Paulo, c2016. Disponível em: <<http://www.portaldamooca.com.br>>. Acesso em 18 abr. 2015.

RODOLFO CRESPI. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2015. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Rodolfo_Crespi&oldid=43834602>. Acesso em 18 abr. 2015.

SALVO, Maria Paola de; ALVES JUNIOR, Dirceu. Vereador quer tombar sotaque da Mooca. **Veja São Paulo**, São Paulo, 15 out. 2009. Disponível em: <<http://vejasp.abril.com.br/materia/vereador-quer-tombar-sotaque-da-mooca>>. Acesso em: 20 abr. 2015.

SÃO PAULO (SP). Prefeitura. **Mooca Região Leste**: sumário de dados 2004. São Paulo, 2004, p. 281-291. Disponível em: <http://ww2.prefeitura.sp.gov.br/arquivos/secretarias/governo/sumario_dados/ZL_MOOCA_Caderno24.pdf> . Acesso em: 02 out. 2016.

SÃO PAULO (SP). Resolução nº 05/CONPRESP/2010, de 27 de agosto de 2010. **Diário Oficial da Cidade de São Paulo**, São Paulo, n. 161, p. 11, 2010.

SÃO PAULO (SP). Resolução nº 17/CONPRESP/2016, de 13 de setembro de 2016. **Diário Oficial da Cidade de São Paulo**, São Paulo, n. 172, p. 44, 2016.

SOBRE A AUTORA

Márcia de Oliveira Lupia

Mestranda em Linguística na Universidade Cruzeiro do Sul - UNICSUL. Servidora pública na Universidade Federal do ABC - UFABC.